

O estatuto do (não)conceito de 'urbano' na obra de Henri Lefebvre

The (non)concept status of 'urban' in the work of Henri Lefebvre

Le statut du (non) concept de «urbain» dans l'oeuvre d'Henri Lefebvre

Thiago Canettieri
Universidade Federal de Minas Gerais
thiago.canettieri@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é tangenciar, em linhas gerais, uma outra chave interpretativa para o estatuto do conceito de urbano na obra de Henri Lefebvre. É, sobretudo, um esforço para tentar encontrar elementos metodológicos utilizados pelo autor que expliquem a intenção por detrás desse conceito. Meu interesse, portanto, é fazer uma genealogia da definição de urbano em Lefebvre para contribuir para a compreensão do pensamento desse importante filósofo. O conceito de urbano é um dos que mais têm mobilizado debates e controvérsias com relação ao pensamento de Lefebvre, isso porque ele aparece em sua obra com uma abertura muito grande – e não com um fechamento interpretativo. O argumento desenvolvido é que o arranjo conceitual do autor é semelhante à ideia da Dialética como entendida por Adorno, reconhecendo, assim, o estatuto de não conceito para o uso que Lefebvre faz do significante 'urbano'.

Palavras-Chave: Urbano; Dialética; Não Conceito; Henri Lefebvre

Abstract

This paper aims to address, in a broad manner, another interpretative framework for the standardized concept of urban in the work of Henri Lefebvre. It is, mainly, an effort to finding methodological elements used by the author that explain the intention behind this concept. My interest, then, is to conduct a research on the definition of urban by Lefebvre, in order to contribute to the understanding of this important philosopher's thought. The concept of urban has been the main topic of debates and controversies regarding Lefebvre's perspective, as it is evoked by the author in a broad sense – rather than in interpretative closure. The argument developed is that the conceptual arsenal of the author is similar to Adorno's Dialectics, thus acknowledging the non-concept status of how Lefebvre makes use of the signifier "urban".

Keywords: Urban; Dialectics; Non-concept; Henri Lefebvre

Résumé

L'objectif de cet article est de ponctuer, de façon générale, une autre clé interprétative pour l'étude du concept d'urbain dans l'oeuvre de Henri Lefebvre. C'est, surtout, un effort pour essayer de rencontrer des éléments méthodologiques utilisés qui expliquent l'intention derrière ce concept. Mon intérêt, ainsi, est de faire une généalogie de la définition d'urbain chez Lefebvre pour, tenu en compte son raffinement, contribuer à la compréhension de la pensée de cet important philosophe. Le concept d'urbain est l'un des ceux qui a mobilisé le plus des débats et des controverses par rapport à la pensée de Lefebvre, c'est pourquoi il apparaît dans l'oeuvre de l'auteur avec une ouverture très grande – et qui n'a pas une fermeture interprétative. L'argument développé, c'est que l'arrangement conceptuel de l'auteur est semblable à Dialectique bien comme elle a été comprise par Adorno, reconnaissant, ainsi, le statut de non-concept pour l'usage auquel Lefebvre recourt quand il fait référence au signifiant « urbain ».

Mots-clé: Urbain; Dialectique; Non concept; Henri Lefebvre

Introdução

Henri Lefebvre é um importante teórico marxista que produziu, ao longo do século XX, um importante pensamento crítico, em especial voltado para o cotidiano, para o espaço e para o urbano. Sem dúvida, a despeito de sua ampla produção intelectual, este é um pensador muito pouco estudado entre os marxistas do século XX (GOONEWARDENA, 2011). De franca abrangência, Lefebvre foi intelectual de ampla formação, tendo como influências Hegel, Nietzsche e Marx. Também foi militante filiado ao Partido Comunista Francês (PCF) desde o início da década de 1930. Todavia, pela sua formação e postura filosófica, muito além do marxismo dogmático que imperava no PCF à sua época, Lefebvre buscava diálogos que transcendessem esse campo e se aproximou dos situacionistas e dos humanistas, o que o levou a uma crítica rígida e necessária ao que se tornou a URSS, até então apoiada pelo seu partido. Em razão dessas divergências e de seu marxismo pouco ortodoxo, foi expulso do partido no final da década de 1950, o que o obrigou a reavaliar seu marxismo em outras bases que o diferenciavam daquele antigo partido. Nesse período, no final da década de 1950, Lefebvre volta-se para a discussão do espaço urbano acompanhado por um efervescer das lutas urbanas que culmina com o maio de 1968, que explode por toda a Europa e cujos reflexos foram sentidos em todo o mundo.

Hoje uma das principais interpretações sobre o urbano no trabalho de Henri Lefebvre é feita por Neil Brenner (2009; 2015), autor que procura em seu texto destacar a conjugação existente no pensamento lefebvriano do fenômeno urbano com a construção de um urbano possível diferente. O propósito levado a cabo por Brenner é de discutir a urbanização capitalista como um processo dialético que desenvolve sua superação como resultado de contradições internas em movimento. Mas, para tanto, é preciso, antes, uma investigação da *episteme* do pensamento lefebvriano e de seus solos, daquilo que não é explícito, mas que, de certa forma, está presente. Isso significa explorar a leitura – ainda pouco corrente – de uma similaridade de Adorno no pensamento de Lefebvre, em especial da obra *Dialética negativa*, publicada pela primeira vez em 1966 na Alemanha. Vale lembrar que Henri Lefebvre lia diretamente do alemão (e traduziu textos de Hegel,

Nietzsche e Marx) tinha contato com a literatura e filosofia alemã. Assim, embora Adorno não apareça como uma referência explícita na obra de Lefebvre, a proximidade de seu pensamento com a filosofia de Adorno é ressaltada pelo primeiro: “Não tenho nada em comum com Lukács, mas estaria mais próximo de Adorno, que não é conhecido na França” (LEFEBVRE, 1990, p.62). A relação existente entre o pensamento de Lefebvre e de Adorno, apesar das convergências, como apontam Butler (2012) e Shields (1999), ainda não foram devidamente exploradas:

Unfortunately, the relationship between Lefebvre and others within this [Marxist] tradition has not yet been explored comprehensively. One of the most obvious absences here is the lack of detailed comparison between Lefebvre's work and that of the members of the Frankfurt School. (BUTLER, 2012, p.20)

Este artigo faz um esforço para tentar encontrar elementos metodológicos utilizados pelo autor que expliquem a intenção por detrás do conceito de urbano. Meu interesse, portanto, é fazer uma arqueologia da concepção de urbano em Lefebvre para, tendo em vista seu refinamento, contribuir para a compreensão do pensamento desse importante filósofo. O próprio Lefebvre (1986, p.159) afirma que, apesar de a “palavra não ser nova, o conceito traz o novo, iluminando um certo número de fatos, de relações, permanecidos na obscuridade e no silêncio.”

Como aponta Costa (2013), esse conceito é um dos que mais tem mobilizado debates e controvérsias com relação ao pensamento de Lefebvre, isso porque aparece no autor com uma abertura muito grande – e não com um fechamento interpretativo. Assim, quero sugerir que a ideia de urbano em Lefebvre possui, sobretudo, um estatuto de não conceito que dialoga com a filosofia adorniana, buscando aí uma chave interpretativa para a obra de Lefebvre sobre o urbano.

Um duplo urbano na teoria lefebvriana

A discussão que orienta este trabalho diz respeito a um duplo uso do conceito de urbano por Lefebvre. Mais complexo do que acompanhar a evolução do conceito usado pelo autor no desenrolar de suas obras, talvez seja tentar capturar as contradições internas desse conceito. Nesse sentido, na obra *Revolução urbana*, Lefebvre (2010, p.78) apresenta uma definição muito aberta do termo:

Faremos uso das palavras revolução urbana para designar o conjunto total das transformações que atravessam a sociedade contemporânea e que geram a mudança desde o período em que as questões do crescimento econômico e da industrialização eram predominantes para o período em que a problemática urbana se torna decisiva.

Lefebvre (2010) deixa pouco explícito em seu texto o que é, de fato, a problemática urbana. A ideia do urbano surge com o desenvolvimento da industrialização como um fenômeno derivado do capitalismo.

Em sua filosofia marxista¹ (engajada politicamente), Lefebvre afirma que o urbano se coloca como horizonte, “tendência, a orientação, a virtualidade” para a superação do capitalismo-industrial e da sociedade burocrática de consumo. Segundo ele:

O urbano (abreviação de sociedade urbana) define-se, portanto, não como realidade acabada, situada em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora (LEFEBVRE, 2010, p.26).

Dessa forma, no processo de efetivação da sociedade urbana, Lefebvre reconhece a existência de uma prática social em marcha que indica a prática urbana, própria desse tipo de sociedade, que se encontra “em via de constituição, apesar dos obstáculos que a ela se opõem” (LEFEBVRE, 2010, p.26).

Lefebvre (2010) sustenta essa afirmação com uma interpretação histórica que está vinculada diretamente ao seu entendimento do método dialético como regressivo-progressivo. O filósofo olha para a história passada (regressão) para poder lançar sua reflexão ao futuro (progressão). Com isso, traça um eixo que vai do grau zero de urbanização, “a terra entregue aos elementos” (p.18), à culminação do processo, à total urbanização da sociedade.

Nas histórias da cidade que o autor elabora, passando da cidade política para a cidade mercantil, até, finalmente, a cidade industrial, Lefebvre demonstra como a entrada da indústria na cidade leva a uma elevação das contradições que, em um duplo movimento, levam à implosão e à explosão dessa última. Descrito pelo autor como momento crítico, estabelece-se a zona crítica que passa, a partir daí, a apontar para o urbano como objeto possível, virtual. Essa forma social que se anuncia é o urbano, mas, sobretudo, um processo.

Assim, o processo de urbanização² é o desenrolar das contradições da industrialização, que se transforma até alcançar a sociedade urbana, ou seja, o urbano – uma possibilidade de emancipação. Todavia, em diversas partes de sua obra, Lefebvre usa o urbano como conceito para designar também a forma da sociedade sob o capitalismo contemporâneo.

Na passagem a seguir, Lefebvre (2010, p.150-151) explora essa característica do urbano:

Mostramos que ele [o urbano] prolonga e acentua, num plano novo, o caráter social do trabalho produtivo e seu conflito com a propriedade privada dos meios de produção. Ele continua a socialização da sociedade. Isto quer dizer que o urbano não suprime as contradições do industrial. Ele não as resolve somente por assomar as

¹Lefebvre (1967) advoga a favor do que ele chama de metafilosofia, que, engajada com a realidade, está além da própria filosofia.

²Urbanização é o processo de devir urbano em toda sua complexidade de (não) conceito. Tentarei, ao longo do texto, aprofundar essa concepção.

contradições do industrial. Ele não as resolve somente por assomar ao horizonte. Mais que isso: os conflitos inerentes à produção (nas relações de produção e de propriedades capitalistas, como também na sociedade “socialista”) entram o fenômeno urbano, impedem o desenvolvimento do urbano, reduzindo-o ao crescimento.

Dependendo do contexto, Lefebvre se refere a esses dois sentidos com um único significante: o urbano (e suas formas adjetivadas – forma urbana, vida urbana, sociedade urbana etc.).

Ele afirma:

É assim que nossa hipótese impõe-se, ao mesmo tempo, como ponto de chegada dos conhecimentos adquiridos e como ponto de partida de um novo estudo e de novos projetos: a urbanização completa. A hipótese a antecipa. Ela prolonga a tendência fundamental do presente. Através e no seio da “sociedade burocrática de consumo dirigido” a sociedade urbana está em gestação (LEFEBVRE, 2010, p.15).

Ora, como indica essa interpretação, o percurso da sociedade é, sobretudo, um percurso evolutivo, o que pode indicar uma certa dimensão teleológica na obra de Lefebvre nesse momento, colocando o urbano como fim, assim como Marx colocará na mesma posição o comunismo. Essa postura “evolutiva” pode ser confirmada num outro momento da obra:

Esse movimento [da sociedade urbana], caso se confirme, conduzirá a uma prática, a prática urbana, apreendida ou re-apreendida. Sem dúvida haverá um umbral a transpor antes de entrar no concreto, isto é, na prática social apreendida teoricamente. (LEFEBVRE, 2010, p.16).

Ou seja, existe uma prática que, em via de constituição, orienta rumo à consolidação (ou efetivação) da sociedade urbana como “virtualidade iluminadora”, possibilitando a instituição de uma “vida social diferente, de uma sociedade civil fundada não em abstrações, mas no espaço e no tempo tais como vividos” (LEFEBVRE, 1986, p.173). Todavia, Lefebvre (2010, p.16) busca destacar que isso não constitui, todavia, um empirismo ou uma extrapolação, mas é uma hipótese teórica, uma aposta. Essa hipótese que Lefebvre (2010) lança, portanto, não é mero evolucionismo linear, sendo derivada do método dialético empregado pelo autor.

Cabe salientar, como Richard Bernstein (1979, p. 65), que “em muitas etapas de sua trajetória, Marx insistiu em que só mediante a compreensão e a crítica do que ocorre no presente pode-se chegar a compreender quais são as possibilidades reais para a sociedade”. Não por menos, Marx recusou os modelos pré-definidos dos socialistas utópicos e escreveu na *Ideologia alemã*, com Engels, que o comunismo não é um ideal para onde o mundo deva ir, mas o processo real que supera o estado de coisas atual, cujas condições

resultam dos pressupostos presentes (MARX; ENGELS, 2009, p. 52). Sobre isso, o próprio Lefebvre (1969, p.73) afirma:

A realidade atual (urbana) revela algumas necessidades fundamentais, não diretamente, mas através do que as controla repressivamente, as filtra, as oprime ou as desvia. Elas se desvelam retrospectivamente e se reencontram no passado que se conhece a partir do presente, em vez do presente a partir do passado.

Lefebvre, por outro lado, parece assumir uma postura crítica já no final de sua vida, retratada no artigo *Quand la ville se perd dans une métamorphose planétaire*, dois anos antes de sua morte. Nesse texto, o autor ressalta que: “the urban was seen as the vehicle for new values and an alternative civilization. Such hopes are fading concurrently with the last illusions of modernity” (LEFEBVRE, 2015, p.566). O autor indica uma impossibilidade do urbano em ser, *per se*, o motor de novos valores e de uma civilização alternativa. O que Lefebvre observou, no espaço entre 1972 – primeira publicação de *Revolução urbana* – e 1989 – quando sai esse seu artigo –, é que a urbanização não tinha conseguido alçar a prática urbana, mas tinha indicado uma deterioração das relações sociais³. Parece, segundo o autor, que o capitalismo havia conseguido capturar o urbano: “the urban center is not only transformed into site of consumption; it also becomes an object of consumption, and is valued as such” (LEFEBVRE, 2015, p.567). Já encontrando os limites de sua interpretação anterior, Lefebvre (2015, p.567), em um tom pessimista, afirma: “The urban, conceived and lived as a social practice, is in the process of deteriorating and perhaps disappearing”.

Ora, significa então que Lefebvre, nesse momento, rejeita a hipótese teórica do urbano como virtualidade iluminadora de emancipação social? Que o autor se coloca diante de uma aporia? Isso significa, sobretudo, o fim da história? São perguntas cujas respostas parecem já terem sido indicadas, no entanto são necessárias para a pergunta que me parece central na obra de Lefebvre: quais são os limites do urbano?

A resposta parece estar em partes pouco citadas da obra de Lefebvre (2010), como quando o autor afirma: “o urbano como forma e realidade nada tem de harmonioso. Ele reúne conflitos. Sem excluir os de classes” (LEFEBVRE, 2010, p.157). Em outro texto, Lefebvre (1969, p.57) trata de definir o urbano como sua “realidade e sua tendência”. Ainda, é esse conceito capaz de “designar a dupla tendência do espaço social, [...] reunindo os conteúdos mais diversos” (LEFEBVRE, 1986, p.159). Assim é possível entender que se desenha, no interior do conceito de urbano, um conflito de classes que se efetiva como projeto de classes.

³Esse diagnóstico significa contrariar a tese de Monte-Mór (2015) referente à urbanização extensiva como contínua politização do espaço?

Uma nota sobre o método de Henri Lefebvre: uma teoria crítica

A interpretação que se segue é, sobretudo, uma leitura adorniana do debate sobre o conceito de urbano na obra de Lefebvre. Uma leitura adorniana porque, para Adorno (2009, p.144), é possível o pensamento “pensar contra si mesmo sem abolir-se inteiramente”, e é a filosofia que oferece subsídio para uma interpretação desse tipo. Não é objetivo deste texto tentar encontrar uma postura adorniana no pensamento de Henri Lefebvre, o que se pretende aqui é usar o pensamento de Adorno (2009) como uma chave interpretativa *a posteriori* para se entender a filosofia do pensador francês.

Assim como Lefebvre usa o termo urbano para designar a dimensão “capitalista” do conceito, emprega-o também para anunciar o processo de emancipação humana ao afirmar que o urbano se coloca como horizonte, “tendência, a orientação, a virtualidade” para a superação do capitalismo-industrial e da sociedade burocrática de consumo.

Cabe aqui uma nota sobre o método do pensamento lefebvriano que deve ser rastreado em suas obras anteriores, como *La somme et le rest* (LEFEBVRE, 1959) e *Metafilosofia* (LEFEBVRE, 1967), entre outras. Nesses textos, Lefebvre dedica algumas páginas para destacar como existe um limite que estaria relacionado ao conceito filosófico, sendo necessário ir além dele próprio.

Claro, o conceito é o que permite a consistência e o encadeamento do pensamento, sendo articulado numa trama de comunicação, mas Lefebvre (1959) lembra que existe uma “non-suffisance” do próprio conceito. O mesmo que Adorno (2009), em sua *Dialética negativa*, indica. Nas palavras de Lefebvre (1959, p.14):

Les concepts philosophiques avec leur relations – autrement dit : le paradigme philosophique – sont nécessaires mas non-suffisant pour l’analyse des activités pratiques (LEFEBVRE, 1959, p.14).

Lefebvre (1959) indica que as aporias da compreensão filosófica que surgem pela limitação do conceito devem indicar uma abordagem diferente: “les concepts ne peuvent se developper que selon leur relations”. Ele reforça: “et ces relations sont dialectiques” (LEFEBVRE, 1959, p.12)

Parece-me que o grande interesse de Lefebvre em usar o conceito de urbano numa dialética do não conceito é explorar, num movimento sofisticado, a dialética existente do urbano. O urbano (como substantivo), empregado pelo autor como radicalização da lógica industrial capitalista e, ao mesmo tempo, como possibilidade de emancipação e superação, passa a carregar consigo essa ideia da dialética, uma vez que o confronto já está dado em seu interior. Essa relação é clara na afirmação:

O urbano não suprime as contradições do industrial. Ele não as resolve somente por assomar ao horizonte. Mais que isso: os conflitos inerentes à produção (nas relações de produção e de propriedade capitalistas, como também na sociedade “socialista”) entravam

o fenômeno urbano, impedem o desenvolvimento do urbano, reduzindo-o ao crescimento (LEFEBVRE, 2010, p.150)

Percebe-se que, já na primeira frase, Lefebvre usa o urbano para deixar claro que ele está subsumido às contradições do espaço industrial. Mas, em seguida, esclarece que essas características (que, em alguma medida, o definem) são um entrave para a sua realização como emancipação. Essa relação dialética dos opostos presentes internamente à ideia de urbano empregada por Lefebvre revela a sua sofisticação conceitual que apresenta em duas vias a revolução urbana⁴.

É necessário entender o urbano “como lugar dos enfrentamentos e contradições, unidade das contradições” (LEFEBVRE, 2008, p. 157). Essa parece ser a principal chave para entender o desenvolvimento conceitual utilizado por Lefebvre que está subjacente à sua ideia, e que, em seus livros, acaba por não ser explicitada. O urbano é espaço de unidade das contradições que carrega: capital – trabalho, centro – periferia, atual – virtual.

Diante disso, Lefebvre (2008) define o urbano como o lugar onde as pessoas tropeçam umas nas outras, situadas em um acervo de objetos variados, entrelaçadas de maneira que passam a não se reconhecerem, tampouco os fios de suas atividades. É, assim, um campo de tensões complexas que se esbarram, ao nosso entender, nessas relações verticais e, igualmente, horizontais. Na vida urbana enxergamos o espaço, como nos diz Lefebvre (2008), como algo que se torna o lugar da reprodução das relações de produção. Dizemos "produção do espaço", pois percebemos no espaço (urbano) o desenvolvimento de uma atividade social. O urbano, segundo ele, designa então o lugar e o meio pelo qual ocorre a prática social da sociedade capitalista, ou seja, a reprodução das relações de produção que, ao mesmo tempo, “assinala os seus próprios limites” (LEFEBVRE, 2008, p.54).

Portanto, o conceito de urbano em Lefebvre (2008; 2010) aparece como o significante para a unidade contraditória do capitalismo, que carrega, no seu próprio cerne, sua superação. Esse é um possível sentido que pode ser obtido pela interpretação de sua definição de direito à cidade entendido “como um grito, uma demanda à vida urbana, transformada e renovada” (LEFEBVRE, 2001, p.117). Com isso quer dizer que ela já existe, mas como negatividade que pode ser superada pela negação determinada.

Lefebvre provavelmente não desejava que tal confusão fosse gerada, como de fato ocorreu em razão das massivas críticas recebidas à época da publicação de suas ideias e como ainda ocorre em razão de uma miríade de interpretações possíveis de seus escritos⁵.

Uma saída que contribui para essa interpretação é a dada por Monte-Mór (2015), que passa, para fazer a distinção entre os dois sentidos, a adjetivar o subjetivo

⁴ Designa com a revolução urbana tanto as sucessivas mudanças realizadas pela burguesia (como Marx e Engels destacam por diversas vezes, inclusive no manifesto), como também a possibilidade de uma revolução socialista.

⁵ Ressalto que essa minha interpretação é apenas mais uma que se soma às outras. Sobre isso, ver Soja (2000).

urbano utilizado: urbano-industrial, para designar seu caráter de radicalização do capitalismo, e urbano-utopia, para designar seu elemento próprio de superação.

Lefebvre (2008, p.159) afirma: “o urbano é simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma”. Essa forma social anunciada e enunciada pela implosão-explosão da cidade industrial levou ao aprofundamento das contradições da lógica da indústria e também à abertura das possibilidades de emancipação da utopia imanente às próprias contradições. Por isso a adjetivação como forma de qualidade a esse duplo substantivo.

É, portanto, a contradição própria do capitalismo (e de qualquer outro momento histórico) a que existe entre aquilo que é e aquilo que poderia ser. Afinal, esse parece ser o fundamento da teoria crítica que Horkheimer (1980) reivindica, cabendo a ela desvendar a disjunção entre o real e o possível. Sendo assim, a crítica no sentido mais forte do termo não significa, apenas demonstra as incoerências e contradições do estado atual das coisas, mas permite refletir também sobre como poderia ser.

Lefebvre faz um esforço para realizar aquilo que Adorno (2009, p.8) indicou, como abrir “o não-conceitual no conceito”, ou seja, integrar, ao longo do desenvolvimento dialético do conceito, sua contradição, o não conceitual.

A dialética adorniana apresenta a impossibilidade do conceito de penetrar completamente na coisa que ela identifica. Existe sempre um excedente, o não idêntico que o conceito não capta. Como Adorno (2009, p.112) afirma, “a dialética é a consciência consequente da não-identidade”, ou seja, no movimento dialético é possível lidar com a complexidade da realidade por meio do reconhecimento da não identidade que o conceito esconde. O pensamento dialético deve se inserir no bojo da incessante luta de negação do conceito por meio dos próprios conceitos. Talvez seja esse o espírito da filosofia de Adorno (2009): “driblar a acomodação do conceito, promovendo sua incessante renovação” (FONTANA, 2009, p.45).

O modo como se dispõem e se utilizam os conceitos cumpre papel fundamental para o pensamento dialético. O esforço de Adorno (2009) é o de refletir sobre como os conceitos devem ser abertos por sua dimensão não conceitual que lhe é própria e, assim, caminhar em direção ao entendimento da experiência, já que, para o autor, o conceito é uma violência contra a realidade que “destila o qualitativo” e limita-o. Todavia, esse é um procedimento necessário pela própria estrutura do pensamento humano. Assim, se o conceito é necessário para dar conta da realidade e representá-la, ele não o faz em toda a sua complexidade. Existe algo que não é captado por esse movimento de identificação. Talvez, para usar um termo lefebvriano, se possa falar de um “campo cego” do conceito. Para Adorno (2009) – e também para Lefebvre (2010) –, a forma de sair do campo cego é o movimento dialético do pensamento como uma negação determinada da primeira negação que é o próprio conceito.

Jameson (1997, p.37) aponta que a definição filosófica de conceito corresponde à igualdade de cada coisa consigo mesma por meio de um determinado termo: “No âmbito filosófico, portanto, o conceito é a forma forte de identidade, subsumindo uma gran-

de variedade de objetos diferentes, realmente existentes sob o mesmo termo ou pensamento”. O conceito impõe a convicção de que ele assegura a “verdade” de um determinado objeto, porém é preciso explicitar que essa “verdade” é realizada por intermédio de certas formas. Dentre elas, destacam-se as que revelam o conceito ora como algo que representa a realidade intrínseca do objeto, ora como um sentimento que é conforme esse objeto.

Sendo assim, é necessário adotar a postura da negação determinada e lançar atenção ao princípio de não identidade [Nichtidentität] (ADORNO, 2009; JAMESON, 1997). Nessa linha de raciocínio, a identidade [identität] já é, para Adorno (2009), uma primeira negação do não idêntico, e a negação da identidade (negação determinada) passa a ser a liberação desse não idêntico. É central no pensamento adorniano o movimento contra a identidade já previamente estabelecida se se entender, como propõe Jameson (1997, p.32), o “retorno vezes sem fim da mesmidade”.

Se, para Adorno (2009), o conceito é o que inscreve as coisas nessa “mesmidade”, a luta do pensamento (pelo menos em um certo momento) deve objetivar minar essa lógica de recorrência e da mesmidade para abrir caminho para o que ficou excluído. O pensamento dialético é capaz de descrever o não idêntico, tanto em termos de alteridade conceitual como de novidade (JAMESON, 1997).

Assim, como é possível um movimento do conceito que se encerra tendencialmente na mesmidade a fim de usá-lo como modo de acesso à diferença e ao novo? “Como se pode utilizar o conceito contra si mesmo?” (JAMESON, 1997, p.34). Essas são questões centrais para a filosofia adorniana.

O urbano como um não-conceito

Talvez seja esse o espírito que movimenta a ideia de urbano em Lefebvre: como usar o urbano contra si mesmo? Como, num movimento propriamente dialético (e, sobretudo, negativo), o urbano-industrial contém, de forma imanente, o urbano-utopia sem lançá-lo a uma dimensão *u-tópica*? O urbano é conceito e não conceito, sua identidade (como espaço da acumulação industrial) carrega consigo, ao mesmo tempo, a sua *Nichtidentität*. O urbano abre, em virtude de sua mesmidade, caminho para a emancipação que está simultaneamente imanente e excluída.

Pode ser que para esse movimento a distinção fundamental e importantíssima seja aquela desenvolvida por Žižek (2009) entre o juízo indefinido e o juízo negativo de fato. O juízo positivo, no nosso caso, poderia ser: “o urbano é um conceito”. Este pode ser negado de duas maneiras: 1) quando se nega o predicado ao sujeito (o urbano não é um conceito); 2) ou quando se afirma um não predicado (o urbano é um não conceito)⁶.

⁶ Para explicar essa diferença, Žižek (2009, p.37) recorre a Stephen King para dizer que a diferença é entre “ele não está morto” e “ele está não morto”, ou seja, os não mortos, que não estão nem mortos nem vivos”. O mesmo quando em *A metamorfose*, de Kafka, Grete, a irmã de Gregor, chama-o de “einUntier” que, literalmente, significa um “inanimal”.

Como tento argumentar, em Lefebvre, parece-me ser exatamente esse o caso. O urbano como um não conceito opera a lógica dialética adorniana em que o fato de a ideia surgir ocupando dois significados carrega consigo um excesso que, embora negue o que é dado, contém também em si algo de inerente a ele como um excesso ou dessemelhança constitutiva. A operação dialética é que o urbano aparece como já constituído, mas indica algo que o nega – o urbano-utopia é um excesso que está além do urbano-industrial, um núcleo que só pode surgir como emancipação num urbano que é dominação⁷.

Essa concepção dialética do conceito permite entender o uso do urbano no pensamento lefebvriano. Como indica Žižek (2016, p.94), recuperando, de certa forma, uma concepção de história derivada de Walter Benjamin que permite incluir na formulação os potenciais oprimidos que foram negados pela realidade,

Em contraste com essa noção evolutiva de progresso, devemos nos prender à noção de que o Novo surge para resolver a insuportável tensão no Velho, uma tensão que, como tal, já estava “presente” no Velho de maneira negativa.

Assim, a promessa é inscrita já aí pelas condições históricas que ela pretende superar. Ela está contida, mas contém germes para a mudança. O urbano é a mesma coisa.

Isso revela uma não coincidência constitutiva de uma coisa consigo mesma, uma espécie de diferença mínima que produz um elemento excedente (ZIZEK, 2009).

É por meio da exceção (o elemento sem lugar na estrutura) que se representa imediatamente a dimensão universal, ou seja, a categoria-chave hegeliana de universalidade concreta⁸. A leitura zizekiana entende que a universalidade concreta é alcançada quando “emerges out of the explosion of the previous organic unity and be a “substantially different unity, a unity grounded on the disruptive power of negativity” (KISNER, 2008, p.4). Essa leitura é derivada de um certo “toque lacaniano” dado por Žižek (1993; 2009) à noção hegeliana, em que o filósofo agrega a ideia da exceção constitutiva para designar que é exatamente ela o que está fora da identidade que constitui o momento da *universalidade concreta*, descrita como o movimento em que um universal formal é suplantado [*aufgehoben*] por um universal que é uma exceção constitutiva. Ou seja, é necessária uma certa negatividade, como a desenvolvida em *Dialética negativa* por Adorno (2009), como elemento fundante do movimento de efetivação da universalidade concreta.

Partindo da interpretação de Žižek (2009, p.50), pode-se afirmar que a *universalidade concreta*⁹ é o nome do processo pelo qual o urbano-emancipação explode o

⁷ Da mesma forma que o sonho de uma Índia livre só é possível de ser concebido por intermédio da invasão britânica, como indica Žižek (2009) em sua interpretação dialética.

⁸ Um tal momento simples, que pela mediação da negação não é nem isto nem aquilo, mas somente um não-isto, e que é igualmente indiferente a ser isto ou aquilo, nós os chamamos um universal (HEGEL, 2003, p.84)

⁹Sobre isso, ver o quarto capítulo de Žižek (1993, p.102): “Here we have an example of hegelian ‘concrete universality’: a process or a sequence of particular attempts that do not simply exemplify the neutral universal

urbano-industrial por dentro, uma espécie de resolução do impasse para a forma do urbano sob o capitalismo.

É esse movimento que interessa Adorno (2009) e também Lefebvre (2010), o de reconhecer no conceito sua não identidade, de entender que “a tensão entre o mesmo e o outro é secundária em relação à não coincidência do Mesmo consigo mesmo” (ZIZEK, 2009, p.48). Segundo Žižek (1993, p.113), esse é o terreno da universalidade concreta, o excesso constitutivo do todo e sua exceção. O urbano em Lefebvre (2008; 2010) aparece nesse sentido, de indicar a exceção que existe dentro do urbano, de encontrar o não conceito, ou seja, no limite, de refazer o que Adorno (2009, p.144) chamou de “abrir o não-conceitual com o conceito”.

Esse movimento dialético faz parte da lógica desenvolvida por Lefebvre em seu pensamento. Seus conceitos servem, sobretudo, para alargar as margens do que é possível realizar de forma a abranger mais elementos, a iluminar os pontos cegos das teorias – mas sem deixar de lado as contradições. Evidente que essa operação dificulta a aplicação linear e meramente analítica do pensamento lefebvriano (será que essa era sua intenção?), mas é dessa forma que permite a saída da mesmidade à que Adorno (2009) se referia, o objetivo de Lefebvre (2010) ao desenvolver um objeto virtual que, todavia, já é atual. Ele explica o seu método:

O método utilizado nesta exposição não é histórico na acepção habitual do termo. Apenas aparentemente tomamos o objeto “cidade” para descrever e analisar sua gênese, suas modificações, suas transformações. Em verdade, colocamos primeiramente o objeto virtual, o que nos permitiu traçar o eixo espaço-temporal. O futuro iluminou o passado, o virtual permitiu examinar e situar o realizado. É a cidade industrial, ou melhor, o estilhaçamento da cidade pré-industrial e pré-capitalista sob o impacto da indústria e do capitalismo, que permite compreender suas condições, seus antecedentes, a saber, a cidade comercial; esta, por sua vez, permite compreender a cidade política à qual se superpôs. Como Marx pensava, o adulto compreende, como sujeito (consciência), e permite conhecer, como objeto real, seu ponto de partida, seu esboço, talvez mais rico e mais complexo que ele próprio, a saber: a criança. Embora complexa e opaca, é a sociedade burguesa que permite compreender as sociedades mais transparentes, a sociedade antiga e a sociedade medieval. Não o contrário. Um duplo movimento impõe-se ao conhecimento, desde que existem tempo e historicidade: regressivo (do virtual ao atual, do atual ao passado) e progressivo (do superado e do finito ao movimento que declara esse fim, que anuncia e faz nascer algo novo) (LEFEBVRE, 2010, p.31).

notion but struggle with it, give a specific twist to it – the universal is thus fully engaged in the process of its particular exemplification; that is to say, these particular cases in a way decide the fate of the universal notion itself.”

Esse movimento é o que permite iluminar os campos cegos. Nessa dualidade reside a potência do conceito (e do não conceito). Se na *Lógica*, de Hegel (apud KISNER, 2008), o conceito aparece como o nome do movimento que manifesta o idêntico e como a continuidade de suas diferenças, em Adorno (2009) é ressaltada a dimensão da falsidade do Todo para ser desmontado pelo não conceito e toda sua negatividade crítica potencial, num movimento dialético de desabamento [*Dialektik der Zerfalls*]: o pensamento engaja na negatividade implícita nos fenômenos sociais, a “negativity implicit in any positive system” (VOUROS, 2014, p.178).

Considerações finais

O não conceito é o que permite entender criticamente o conceito. Tentei, até aqui, deixar claro o uso que Lefebvre (2010) faz do significante “urbano” em seu sistema filosófico e, ainda, oferecer uma chave interpretativa para esse desenvolvimento. Arguentei, ao longo do texto, que o “urbano” deve ser entendido como um não conceito, a exemplo da forma como Adorno (2009) opera a ideia de Totalidade¹⁰.

Dessa maneira, procuro deixar claro que o pensamento lefebvriano, e também o adorniano (no limite, todo pensamento dialético), é uma forma de abertura da própria realidade.

Ser lefebvriano, tem que ser dito, é mais uma sensibilidade do que um sistema fechado; e de fato, muitos têm achado seus insights teóricos difíceis de serem aplicados devido à fluidez, dinâmica e abertura de seu pensamento. Uma evidência provavelmente perfeita disto está em uma de suas respostas mais comuns: “sim e não” (HOFMAN; LEBAS, 1996, p.8 apud COSTA; COSTA, 2005, p.375).

É o urbano um conceito da superação da sociedade capitalista? Sim e não. É o urbano um conceito para designar a sociedade capitalista? Sim e não. Ora, poder-se-ia argumentar que Lefebvre, portanto, não sai do lugar. Mas seu pensamento é muito refinado e extremamente dialético: seu interesse é uma filosofia (ou, para ser mais preciso, uma metafilosofia) engajada na realidade, que só pode partir dela para se efetivar o seu objeto virtual. Nessa direção, Harvey (2009, p.304) afirma que, no processo de Lefebvre de elaborar sua “devastadora crítica” da sociedade moderna capitalista, sua saída é manter uma “possibilidade interminavelmente aberta”. Para ser mais claro, é somente com essa dimensão essencial da contradição entre “o que é” e “o que poderia ser” que se constitui o pensamento do materialismo histórico-dialético, sobretudo um pensamento engajado politicamente.

¹⁰ Sobre isso, ver Vouros (2014, p.176): “Adorno is an ambivalente reader of Hegel. Against the ‘systematic’ Hegel he asserts that “the whole is the false” not the true. Yet he deems the Hegelian framework applicable in so far as “the force of the whole is absorbed into the knowledge of the particular”.

O urbano deve ser entendido como uma metáfora do espaço socialmente produzido que carrega em si as contradições entre o atual e a possibilidade. Se entendermos assim o esforço de Lefebvre (1991; 2008; 2010), o que ele realiza é uma teoria de interpretação do capitalismo e, da mesma forma que Marx (2013), pelo movimento da dialética, aponta o seu desenvolvimento.

Lefebvre (2010, p.12) afirma o caráter conflitual e contraditório do urbano:

Aqui ou ali, as tensões tornam-se conflitos, os conflitos latentes se exasperam; aparece então em plena luz do dia aquilo que se escondia

Sendo assim, e não poderia ser diferente, minha intenção aqui não é fornecer um quadro final para o conceito de urbano em Lefebvre, mas, ao contrário, partir de uma chave de interpretação adorniana para deixar em aberto a reflexão sobre os limites do urbano. Limites tanto no sentido geométrico da palavra – o perímetro de jurisdição ou validade desses conceitos – como no matemático-dinâmico – o atrator para onde tendem certas virtualidades encontradas em “outros lugares”. Lefebvre (2008, p.54) parece ciente dessa tensão:

Esse espaço [o urbano], sendo lugar e meio da prática social na sociedade neocapitalista (isto é, da reprodução das relações de produção), assinala os seus limites.

É possível indicar que Lefebvre estava ciente da contradição do termo, mas a hipótese subjacente é que era de seu interesse explorar justamente esse conflito. Essa me parece uma interpretação muito mais consistente do pensamento lefebvriano: um Lefebvre que encontrou seus próprios limites, visto que só assim é possível superá-los (teórica ou politicamente).

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. *Dialética negativa*. São Paulo: Zahar, 2009.

BERNSTEIN, R. *Praxis y acción: enfoques contemporaneos de la actividad humana*. Madrid: Alianza, 1979.

BRENNER, N. What is critical urban theory? *City*, v.13, n.2-3, p.198-207, 2009.

BUTLER, C. *Henri Lefebvre: Spatial politics, everyday life and the right to the city*. New York: Routledge, 2012.

COSTA, G. Aproximação entre teoria e prática: reflexões a partir do pensamento do Henri Lefebvre. *Revista UFMG*, belo horizonte, v. 20, n.1, p.168-189, 2013.

COSTA, H; COSTA, G. Repensando a análise e a práxis urbana: algumas contribuições da teoria do espaço e do pensamento ambiental. In: DINIZ, C. LEMOS, M. (Orgs.). *Economia e território*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 365-382, 2005.

- FONTANA, E. Adorno e o despontar da dialética negative. *Revista Filosofazer*, ano XVIII, n.34, 2009.
- HEGEL, G. *A fenomenologia do espírito*. São Paulo: Vozes, 2003.
- HORKHEIMER, M. 1980. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. São Paulo: Abril.
- JAMESON, F. *O marxismo tardio, ou a persistência da dialética*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- KISNER, W. The concrete universal in Zizek and Hegel. *International Journal of Zizek Studies*, v.2, n.2, 2008.
- LEFEBVRE, H. *La somme et le rest*. Paris: PUF, 1959.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- LEFEBVRE, H. De la science à la stratégie urbaine. *Utopie*, n.2, v.3, p.57-86, 1969.
- LEFEBVRE, H. Dissolving city, planetary metamorphosis. In: BRENNER, Neil (Org.). *Implosion-Explosion*. New York: Jovis, 2015.
- LEFEBVRE, H. *Espaço e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, H. *Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne*. Paris: Messidor/Editions Sociales, 1986.
- LEFEBVRE, H. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.
- MARX, K. ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MARX, K. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MONTE-MÓR, R. L. Urbanização, sustentabilidade e desenvolvimento: complexidades e diversidades contemporâneas na produção do espaço urbano. In: COSTA, G; COSTA, H; MONTE-MÓR, R. L. (Orgs.). *Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana*. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.
- POSTONE, M. *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SHIELDS, R. *Lefebvre, Love and Struggle: Spatial Dialectics*. New York: Routledge, 1999.
- SOJA, E. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. Oxford: Backwell, 2000.
- VOUROS, D. Hegel, Totality, and Abstract Universality in the philosophy of Theodor Adorno. *Parresia*, n..21, 2014.
- ZIZEK, S. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ZIZEK, S. *The Ticklish Subject: the absent centre of political ontology*. Nova York: Verso Books, 1993.

Thiago Canettiari

Pesquisador de pós-doutorado do departamento de Geografia da UFMG. Doutor em Geografia pela UFMG. Mestre em Geografia pela PUC-Minas. Graduado em Geografia pela PUC-Minas.

Rua São Pedro da União, 82, Cep: 30315-440, Belo Horizonte, Minas Gerais

e-mail: thiago.canettiari@gmail.com

Recebido para publicação em outubro de 2019
Aprovado para publicação em novembro de 2019